

Revista Adventista

ACAUTELEMOS-NOS

PARA QUE NÃO VENHAMOS A SER SINAIS

Necessitamos perguntar-nos novamente: «Quais foram as razões que me levaram a unir-me ao Movimento do Adventismo?» Não precisaríamos ir muito longe enumerando razões, para ver que uma das principais foi a convicção de que vivemos nos últimos tempos — convicção que se apossou de nosso espírito quando nos foram apresentadas as profecias; de que grandes e graves acontecimentos estão prestes a sobrevir-nos, mas que dentro em pouco Deus tirará deste mundo pecaminoso os que Lhe deram o coração e têm andado em toda a luz que lhes foi revelada. Foi o facto de vermos as condições do mundo desenvolverem-se segundo as predições da profecia, que nos despertou quando pela primeira vez pensámos em nos ligar à igreja. Sentimos haver, em verdade, provas da veracidade das Escrituras e do movimento que pregava as profecias. Achámos estar diante de um movimento que nos dava compreensão dos tempos, esperança para o futuro e um desafio para nos unirmos a outros no trabalho em prol da salvação dos homens.

No entanto, o dia de hoje não nos encontra com o coração tão comovido ou tão convencidos como estávamos no dia em que entrámos no movimento. E isso é em verdade um paradoxo. Temos hoje mais razões para estar comovidos do que antes, mais evidências do cumprimento das profecias do que em qualquer ocasião no passado, mais provas de que a pregação feita pelo Movimento do Advento é verdadeira, mais razões para desejar e para assegurar a libertação deste mundo. Nada há de anormal com a pregação ou as profecias. Nada há, também, com as razões que nos levaram a nos unirmos a esse povo. A dificuldade, então, deve estar dentro de nós mesmos.

As advertências de Cristo em S. Mateus 24

Teria Nosso Senhor previsto tais condições? Realmente. Lede outra vez os conselhos e advertências dados com relação às profecias de Jesus sobre os sinais da Sua volta. S. Lucas 21 e S. Mateus 24, que respondem à pergunta: «Que sinal haverá da Tua vinda e do fim do mundo?» não se limitam apenas à apresentação de sinais. Incluem, também, advertências contra o perigo de não estar pronto para o Segundo Advento.

Gastamos muito tempo ponderando os sinais, naqueles dois grandes capítulos dos Evangelhos, e fazemos bem. Mas gastamos tanto tempo quanto devíamos lendo os conselhos e advertências que acompanham os sinais? Notai estes últimos dez versos de S. Mateus 24:

«Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há-de vir o vosso Senhor; mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis. Quem é pois o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a Sua casa, para dar o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os Seus bens. Porém, se aquele mau servo disser consigo: O meu Senhor tarde virá; e começar a espancar os seus conservos, e a comer e a beber com os temulentos, virá o senhor daquele servo num dia em que O não espera, e à hora em que ele não sabe, e separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes.» Vs. 42-51.

O capítulo 24 de S. Mateus termina com a nota de advertência de que o juízo está prestes a vir sobre os que não estão prontos. Tal facto é digno da mais madura reflexão da parte dos adventistas do sétimo dia, pois somos o povo que crê que hoje, mais do que nunca, têm essas advertências especial aplicação. Comparai os versículos de S. Mateus com os que encontramos no fim da enumeração dos sinais, conforme são apresentados por S. Lucas:

«E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados desta vida, e venha de improviso sobre vós aquele dia. Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a Terra. Vigiai pois em todo o tempo, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão-de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem.» S. Lucas 21:34-36.

Bem, não nos é difícil ver que houve sinais no sol, na lua e nas estrelas. Nem nos é difícil ver que também têm havido sinais sobre a terra. Mas vemos que nós também podemos constituir-nos sinais? Teria Cristo dado advertência, como as que aqui são apresentadas, não houvesse a possibilidade de, nos últimos dias, alguns que professam estar esperando o Senhor, não O estarem realmente esperando mas dando toda a sua atenção aos cuidados e prazeres desta vida? E se assim estivermos fazendo, então com toda a certeza nós mesmos, que observamos os sinais, nos teremos definitivamente constituído sinais dos tempos.

Em verdade, que sinal mais aterrorador poderia haver que um adventista do sétimo dia que, pelo simples facto de pertencer à igreja, professa estar esperando a próxima vinda de Cristo, mas não obstante torna mentirosa tal profissão deixando-se consumir com os cuidados e prazeres desta vida, e que anda dia a dia como se todas as coisas continuassem como quando nossos pais adormeceram?!

Paulo pede-nos que nos examinemos a nós mesmos, para ver se estamos na fé. Pessoalmente, gostamos muito desse texto. Em primeiro lugar, isso não quer dizer que um membro da igreja deve examinar o outro, que devemos ser juizes uns dos outros. Devemos examinar o nosso próprio coração. Em segundo, dá um ar de grande seriedade e realidade a toda a questão de

levar uma vida religiosa. Um exame próprio, genuíno, pôde causar verdadeira perturbação. E quanto precisamos nós de que haja certa alteração quanto à nossa maneira de viver, à nossa contemporização com tudo o que nos rodeia, quanto ao nosso pensamento de que tudo vai bem.

Uma oração que devemos fazer

Não deveria a maior parte de nós incluir apropriadamente em suas orações a Deus, todos os dias: «Senhor, torna-me mais intensamente côncio da época em que vivemos. Protege-me contra o perigo de que os cuidados e prazeres desta vida me impeçam de fazer o devido preparo para a vida futura. Conserva-me verdadeiramente côncio do solene mas glorioso facto de que todos os grandes acontecimentos do mundo hodierno apontam para a Tua breve volta?»

Não quer isto dizer que procuremos andar num estado de alarme, de febril excitação ou de extrema tensão. Longe disso! O verdadeiro filho de Deus tem grande calma no meio dos piores levantes do mundo. Não, não damos as sugestões aqui apresentadas, porque desejamos ser despojados da paz de Deus, mas para resguardar-nos contra a falsa espécie de paz, de segurança e de contentamento que o mundo consegue fechando os olhos ao mal, ao perigo e à morte, e declarando que o homem deve comer e beber, porque amanhã morrerá.

Devemos estabelecer contraste justamente desta maneira: O verdadeiro filho de Deus certifica-se de estar suficientemente alarmado com os grandes sinais que se estão sucedendo no mundo, para não vir a ser surpreendido quando chegar o grande dia predito pelos sinais. Os mundanos procuram fugir de serem sobresaltados agora pelos grandes acontecimentos que os rodeiam para, afinal de contas, se verem mais tarde atemorizados e fugindo para as montanhas, porque o grande dia do Senhor os apanhou de surpresa.

F. D. Nichol

ASSINAI E CONVIDAI VOSSOS AMIGOS
A ASSINAREM A
«REVISTA ADVENTISTA»

Oração pelos doentes

por E. G. WHITE

Esta questão é de natureza muito delicada e, para muitos espíritos, temo não alcançar solução satisfatória. No temor de Deus tenho procurado agir segundo a luz que o Senhor me deu. Tenho-me preocupado com essas coisas, e há anos tomei a decisão de que se tivesse qualquer encargo de orar pelos doentes, chegar-me-ia ao Senhor com uma petição desta espécie: «Senhor, não nos é possível ler o coração deste enfermo; mas Tu sabes se o restituir-lhe a saúde é para o bem da sua alma ou para a glória do Teu nome.

«Na Tua imensa misericórdia compadece-Te deste caso e permite que a saúde lhe seja restituída ao organismo. Isso deve vir inteiramente de Ti. Fizemos tudo quanto está na humana competência; agora, Senhor, depomos aos Teus pés este caso; queiras Tu agir como só Deus pode fazê-lo; e se for para a Tua glória, impede o avanço da moléstia e cura este enfermo.»

Depois de haver feito ardente prece em favor do doente, que devo eu fazer? Cesar de fazer tudo quanto possa para o seu restabelecimento? Não, trabalho com tanta maior dedicação, para que o Senhor possa abençoar os meios que Suas próprias mãos proveram, suplicando que me conceda santificada sabedoria para cooperar com Ele no restabelecimento do enfermo. Ao orar pelos doentes é preciso ter fé; porque isto está em conformidade com a Palavra de Deus. «A oração feita por um justo pode muito nos seus efeitos». Não podemos, pois, deixar de orar pelos doentes, e dever-nos-famos sentir muito tristes se não pudéssemos ter o privilégio de aproximar-nos de Deus, para perante Ele depor todas as nossas fraquezas e enfermidades, para tudo dizer ao compassivo Salvador a respeito dessas coisas, crendo que Ele nos ouve as petições. Às vezes vem-nos imediatamente a resposta às orações; outras vezes temos de esperar pacientemente, e de persistir em ardentes súplicas pelas coisas de que necessitamos, tendo como ilustração do nosso caso, o do amigo importuno pedindo pão. «Qual de vós terá um amigo, e, se for procurá-lo à meia-noite», etc. Essa lição tem mais amplo

significado do que se pode imaginar. Devemos perseverar em pedir, mesmo sem que notemos resposta imediata às nossas orações. «E Eu vos digo a vós: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á; porque qualquer que pede recebe; e quem busca acha; e a quem bate abrir-se-lhe-á».

Precisamos de graça e de divina iluminação, para por meio do Espírito poder-mos saber como pedir as coisas de que necessitamos. Se as nossas petições forem ditadas pelo Senhor, elas serão atendidas. Há nas Escrituras preciosas promessas para os que esperam no Senhor. Todos nós desejamos resposta imediata às orações, e somos tentados a desanimar se a nossa oração não é logo atendida. Ora, a minha experiência ensinou-me ser isso grande erro. A demora é para nosso especial benefício. Temos a oportunidade de verificar se a nossa fé é verdadeira e sincera, ou inconstante como as ondas do mar. É-nos preciso ligar-nos ao altar com as fortes cordas da fé e do amor, e deixar que a paciência opere a sua obra perfeita. A fé é fortalecida mediante contínuo exercício. Essa espera não significa que por havermos pedido ao Senhor que cure, nada nos resta a fazer. Ao contrário, devemos fazer o melhor uso dos meios que, em Sua misericórdia, o Senhor providenciou para as nossas necessidades.

Tenho visto tantos casos serem levados a extremos, quanto a orar pelos doentes, que verifiquei que essa parte da nossa experiência requer muita meditação sólida e santificada, a fim de nos não empenharmos em coisas a que chamemos fé, mas que em realidade não passam de mera presunção. As pessoas abatidas pela doença precisam ser aconselhadas com sabedoria, a fim de que possam agir ajuizadamente; e embora se apresentem a Deus, pedindo orações para serem curadas, não devem presumir que devam ser negligenciados os métodos de cura segundo as leis da natureza. Caso julguem que por orar pedindo cura não devam fazer uso dos remédios simples providos por Deus para aliviar os sofrimentos e auxiliar o trabalho

da natureza, pensando ser negação da fé, assumem atitude imprudente. Isso não constitui negação da fé; está em perfeita harmonia com os planos de Deus. Quando Ezequias estava doente, o profeta de Deus levou-lhe a mensagem de que iria morrer. Ele suplicou ao Senhor, e o Senhor ouviu o Seu servo, e operou em seu favor um milagre, enviando-lhe a mensagem de que quinze anos lhe haviam sido acrescentados à vida. Uma palavra de Deus, um simples toque do dedo divino teria curado Ezequias instantaneamente, mas foram dadas

instruções especiais para, sobre a parte doente, ser posta uma pasta de figos, e Ezequias foi restituído à vida. Em todas as coisas precisamos avançar pelos caminhos abertos pela divina Providência.

O agente humano deve ter fé e cooperar com o divino poder, usando todos os recursos, aproveitando-se de tudo que, de acordo com a sua inteligência, seja benéfico, agindo em harmonia com as leis naturais; e ao assim proceder não nega a fé nem lhe opõe empecilhos. — *Unpublished Writings.*

Apelo às enfermeiras cristãs

Diariamente está sendo demonstrado que o verdadeiro heroísmo não se encontra somente nos campos de batalha, nem tão-somente pertence aos tempos da cavalaria na Idade-Média. Achemo-lo muito mais freqüentemente entre os trabalhadores humildes deste mundo que nos campos de carnificina e de destruição das batalhas. A mulher-mãe, exausta de arcar com o fardo pesado de responsabilidades, que está a gastar a maior parte da vida entre quatro paredes, a trabalhar no temor do Senhor, educando o seu pequeno rebanho para desempenhar uma parte no campo de trabalho deste mundo; o pai de família, marido fiel, muitíssimas vezes preso numa cadeia de circunstâncias, mas trabalhando pacientemente e com amor para a manutenção da vida dos que dele dependem; a enfermeira dedicada, que arrisca a vida para salvar os doentes e sofredores — estas pessoas estão entre os varões e mulheres verdadeiramente nobres à vista de Deus, e quando o Juiz Infalível preparar a Sua lista de honra, no final de todas as coisas, algumas destas pessoas, creio, encabeçarão em lugar de muitos que o mundo conta como nobres e honrados.

Mergulhada no anonimato, a enfermeira trabalha sòzinha, pondo a sua vida em perigo para salvar outras vidas, feliz na consciência de estar levando ânimo a algum coração sofredor e abandonado, ou o conforto a um lar em aflição.

Ministério pessoal

O seu trabalho possui muito heroísmo e bem pouco romantismo. O romance que se

corporifica nos contos, na música, na poesia e na ficção tem muito pouco lugar ou talvez nenhum na vida singela e cheia de deveres práticos da enfermeira missionária, pois o seu serviço não é simplesmente cantar hinos aos desanimados ou levar flores aos doentes. Ela deve fazer estas coisas quando se apresentar a ocasião, mas tem de dedicar as suas melhores energias aos aspectos mais práticos e mais domésticos do seu trabalho. A febre escaldante, a fome destruidora, a peste desoladora, a pobreza, a esqualidez, a ignorância e o preconceito — são seus inimigos. Enfrentando os clamores da Morte, ela tem de arrebatar-lhe das garras cruéis aqueles que queria levar em cativeiro. Perante o mundo exerce as funções de professora e de educadora. Por preceito e pelo exemplo, indica o caminho de um viver melhor, ensinando os princípios da lei natural e procurando levar pessoas a aceitá-los.

A enfermeira não é dado escolher o campo de trabalho ou a tarefa a executar. Ela deve ir aonde o dever mandar. A voz do dever faz-se ouvir principalmente pelas necessidades da humanidade sofredora.

A nenhuma classe de obreiros evangélicos foi confiado ministério tão sagrado como o da enfermeira missionária. Ela penetra na própria vida da pessoa em cujo favor está trabalhando. É-lhe confiado o conhecimento dos segredos profundos da alma, dos remorsos da consciência por muito violados, dos desejos de espíritos abatidos, e dos fardos de amarguras que pesam sobre o coração. Perante ela levanta-se a cortina da vida e ela sò-

mente pode entrar. Quão grande a sua oportunidade! E como se mostrará leviana perante o seu sagrado dever e oportunidades outorgadas por Deus, se não viver à altura da confiança que nela depositam ou se deixar de corresponder ao que se espera do seu espírito de simpatia e de serviço cristãos!

Vigiando em oração, deve falar em ocasião oportuna uma palavra que comunique vida ao doente desanimado e desperte no coração do aflito novo impulso em busca de Deus e novos propósitos para operar o que for recto.

Mas somente em Deus e pela Sua sabedoria e graça, poderá ela tornar-se uma bênção e influência vivificantes. E somente pelo poder divino que ela pode preservar-se de cair presa das influências contrárias que está procurando combater. A sua vida deve ser de oração, de fé e de esperança. A habilidade humana provar-se-á sempre impotente para resolver as necessidades da humanidade. O Céu só usará o conhecimento se for santificado. A habilidade destituída de santificação pode ser uma maldição, uma influência que conduza à morte. E por isto que a enfermeira deve orar com fé, trabalhar com fé, dando sempre ao Grande Médico a honra do sucesso que alcançar. Destarte ela tornar-se-á coobreira com Deus no vasto campo de trabalho deste mundo na tarefa de salvar a humanidade perdida e sofredora.

Interesse comum

Os interesses de todos os nossos obreiros são mútuos. Temos uma mesma fé e estamos todos ocupados no desenvolvimento da mesma grande obra. A mesma esperança individual anima-nos o coração. Não vivemos para nós mesmos. Estamos todos associados em fazer progredir este grande movimento. As nossas enfermeiras estão perante o mundo como representantes de uma causa, de um povo. Pelo que fazem, o público julgará, e efectivamente possui o direito de assim fazer, a denominação a que pertenceis e a causa que representais.

Esperamos ardentemente que como enfermeiras representareis, do modo mais elevado possível, os ideais da vossa profissão verdadeiramente nobre. Exemplificai um padrão excelente de vida prática, eficiente, abnegada e científica. Sede progressistas. Tereis de progredir ou de re-

trogradar. Progresso significa vida; retrocesso quer dizer morte. A fim de manter-vos na vanguarda do progresso da vida, como obreiras inteligentes, deveis mobilizar todas as faculdades. Desta maneira, apelamos para que continueis na aquisição diligente e contínua de valores de ordem educacional. Contai como perda o dia em que não aprenderdes novas verdades. «Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar».

Deveis ser os instrumentos nas mãos do Grande Médico para administrar cura tanto à alma como ao corpo. Por intermédio dos benefícios temporais e físicos que o vosso ministério possa oferecer deveis conduzir os sofredores à Fonte de todas as bênçãos físicas e espirituais.

Não podeis possibilitar este auxílio a não ser que tenhais vós mesmos bebido daquela fonte de bênçãos. Não podeis dirigir os pecadores ao Calvário a não ser que tenhais visto sobre a cruz o preço da vossa redenção. Conhecendo a doçura do perdão e o poder da graça salvadora na vossa própria vida, sereis capazes de falar aos outros acerca de um poder que os pode salvar perfeitamente.

Praticai o que ensinai

Portanto, que a vossa própria experiência exemplifique tudo o que professais. Não procureis prescrever a outras pessoas princípios de reforma, quer na vida física quer espiritual, enquanto vós mesmas não os pondeis em prática na vossa própria maneira de viver.

Sede vós mesmas exemplos que inspirem a todos os que se associam convosco. Fazei o alvo de que cada vida que entrar em contacto com a vossa se torne mais forte, mais pura e mais nobre. Sede amáveis, bondosas na vossa atitude e mais ainda sede modestas, discretas e dignas. Cuidai para que de maneira alguma, quer por palavras quer por actos, o vosso carácter seja rebaixado, ou o bem que praticades, interpretado maldosamente. Zelai pela pureza do vosso carácter. «Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza».

No vestuário e no porte pessoal, representai a pureza, a modéstia e o refinamento da verdadeira cultura. A modéstia e o refinamento verdadeiros manifestar-

-se-ão tanto no vestuário, como nas palavras e nas maneiras em geral. Uma pessoa modesta e recatada, tal como toda a mulher deve verdadeiramente ser, procurará evitar vestuários que a tornem o alvo de todos os olhares curiosos e o objecto de referências desabonadoras. As graças do carácter são as que nos recomendam perante os nossos semelhantes e não a extravagância no vestir e a ostentação na aparência.

Que a vossa conduta seja tal que logo vos distingais como verdadeiros cristãos. Lembrai-vos que passais pela vida somente uma vez; aproveitai as oportunidades o mais que puderdes. Praticai cada acto não somente à luz do presente, como talvez poderíeis agir cegamente levadas por impulsos, pela imaginação momentânea, ou pela paixão desarrazoada, mas de modo que os aproveem os julgamentos de anos posteriores, quando tiverdes de olhar para o passado estando nos bem altos cumes

da experiência da rota da vida. Fazei como poderíeis desejar nos anos subsequentes que tivésseis feito. Não vivemos somente para o presente, mas para a eternidade.

Zelai cuidadosamente pela vossa saúde. Reservai tempo para o repouso e para a recreação. Mesmo ocupadas em ministério tão sagrado, não podeis impunemente transgredir as leis da natureza se quiserdes ser guardadas por seu divino Autor. Trabalhando pressurosamente, muitos têm indevidamente sacrificado a saúde. Recebei estes avisos como experiência.

Finalmente e acima de tudo, cultivai um espírito contínuo de oração. Tomai tempo diariamente para a comunhão com o céu. Voltai-vos diariamente à Palavra Sagrada em busca de conselhos e de conforto. Fazei de Deus um Companheiro no trabalho de toda a vossa vida. O Seu Espírito guiar-vos-á, a Sua graça sustentar-vos-á.

F. M. Wilcox

Para a história da Liberdade Religiosa em Portugal

ECOS DA ASSEMBLEIA NACIONAL

(Extraídos do Diário das Sessões da Assembleia Nacional de 24 de Fevereiro, 13 de Abril, 18 de Abril de 1951)

Parecer da Câmara Corporativa sobre a proposta de Lei n.º 111 (Pág. 396)

«Presentemente vem primeiro, no artigo 45.º, o princípio da liberdade de culto público ou particular de todas as religiões, tendo por corolário a liberdade da organização confessional e o reconhecimento da personalidade jurídica, para efeitos civis, das associações ou organização das igrejas.»

Parecer subsidiário da secção de interesses espirituais e morais (Pág. 415)

«Há na proposta de lei governamental, a nosso ver, uma falta grave: não confessar expressamente Deus. Não se admitindo ou igno-

rando-se Deus, não tem razão de ser o culto nem vale a pena legislar sobre ele. Não admitindo a nossa Constituição formalmente a existência de Deus, não vai, neste ponto, muito além da Constituição Soviética que também afirma a liberdade de exercer os cultos religiosos (Constituição de 1936, Art.º 124.º). ... Se Deus existe há que confessá-lo, reconhecer o Seu domínio supremo e prestar-Lhe o devido culto. E esta obrigação impende tanto sobre os indivíduos singularmente considerados como sobre o próprio Estado que os representa.»

Personalidade Jurídica para as religiões não-romanistas em Portugal

«Nestas condições a secção de Interesses espirituais e morais tem

a honra de propor que o artigo 45.º (§ único) e artigo 48.º tenham a seguinte redacção:

§ único: Quanto às demais confissões religiosas existentes no território português, mantêm-se os princípios de liberdade do culto e de organização e reconhecimento da personalidade jurídica das associações religiosas, constituídas de harmonia com as normas da respectiva disciplina.

«Exceptuam-se os actos de culto incompatíveis com a vida e integridade física da pessoa humana e com os bons costumes, assim como a difusão de doutrinas contrárias à ordem social estabelecida e à unidade moral da Nação.

Art.º 48.º: Nos cemitérios públicos podem os ministros de qualquer religião praticar livremente os respectivos ritos.»

Discurso do Deputado Dinis da Fonseca

(Pág. 873)

«Interessa, portanto, à soberania social e à união jurídica e política, que nela tomam assento, a possível unidade de crenças e não a sua multiplicidade.

«Mas este legítimo interesse nacional não pode excluir ou negar a liberdade de consciência e de culto que constitui um dos fundamentos de toda a verdadeira civilização.»

Proposta da Comissão de Legislação e Redacção

«Art.º 46.º: O Estado assegura também a liberdade de culto e de organização das demais confissões religiosas, cujos cultos são praticados dentro do território português, regulando a lei as suas manifestações exteriores, e pode reconhecer personalidade jurídica às associações constituídas em conformidade com a respectiva disciplina.»

Análise simples

1) Parece-me que assegurar a liberdade de culto e de organização de qualquer con-

fissão religiosa deveria exigir o reconhecimento da personalidade jurídica. Como se poderá conceber a liberdade de acção e a concomitante responsabilidade de um ente que não existe? Poderá ser livre o indivíduo que não pode comprar, vender, reclamar os seus direitos perante os tribunais, legar os seus haveres? Para se proceder a culto privado ou público necessitam-se casas, templos e pertenças da Congregação que os não pode ter visto não ter personalidade jurídica.

Parece-nos que seria muito mais lógico e simples que fosse concedida personalidade jurídica às Congregações constituídas e a constituir de harmonia com as disposições legais.

2) Acho belo, religiosamente falando, o apelo em favor de colocar o nome do nosso Deus na Constituição da República. Mas não me parece que se possa ou deva colocar no documento básico da vida de uma Nação, constituída na quase totalidade por ateus, indiferentes, e ilógicos religiosos que respondem à pergunta: — «Que provas tem da existência de Deus?» — «Eu não sei de provas. Não discuto a existência de Deus. Parto do princípio que existe.» Sim, partem da hipótese... São religiosos hipotéticos.

O nome de Deus ficaria mal colocado — é uma transgressão do 3.º Mandamento do Decálogo —, em qualquer constituição política.

3) Sublinho com aplausos a parte do discurso do deputado Dinis da Fonseca quando declara, como fundamento de toda a verdadeira civilização, a liberdade de consciência e de culto.

Deixar e mesmo animar o nosso semelhante a viver de harmonia com os princípios da sua Fé em Deus é a melhor defesa da civilização e o princípio de todo o progresso, visto ser o fortalecimento do são raciocínio.

Quantidade de falsos raciocínios cristãos que vão por esse mundo fora!

4) Findarei por dizer que ajudaria muito a redacção e promulgação de justas Leis Religiosas a existência de, pelo menos, um Deputado que representasse os direitos das minorias religiosas, sem distinção de credos. Não seria difícil visto haver, só evangélicos, mais de 10.000!

História da Escola Sabatina em Portugal

Segundo os dados de que dispomos referentes ao início do movimento adventista em Portugal, a Escola Sabatina deve ter tido o seu princípio neste País, no ano de 1904, com a chegada a Lisboa do casal americano C. E. Rentfro.

No espaço dos dois anos que se seguiram, o grupo de estudantes da mensagem do advento contava uma dúzia de pessoas.

Em 1905, justamente dois anos após a chegada do pastor Rentfro, celebrava-se a histórica cerimónia de baptismo dos primeiros alunos da Escola Sabatina em Portugal. Esse acontecimento teve lugar em plena praia, no dia 21 de Setembro de 1906, às oito horas de uma noite escura, com mar agitado.

Eram quatro os candidatos que desceram às águas.

Segundo as afirmações de um jornal local que fez a crítica a este estranho e invulgar movimento que estava apenas começando, «o método de ensino da sua doutrina consistia principalmente em panos pintados, onde estão inscritos versículos do Velho e Novo Testamento, e números para a comparação de diversos textos bíblicos entre si, ou desenhos de figuras cujo significado simbólico não é, por vezes, muito fácil de apreender».

Apesar de modesto o movimento, nem por isso era poupado à sanha anti-religiosa e malcriada de muitos lisboetas que, nesses tempos agitados, chegavam a entrar pela sala de culto e a interromper desordenadamente as reuniões.

Sob este ponto de vista, distinguiram-se

os tempos mais próximos da proclamação da República, em 1910. No livro das actas da Escola Sabatina da Igreja de Lisboa, podemos ainda ler esta nota, de bom sabor da época, referente ao Sábado 8 de Outubro de 1910:

«Por não se poderem reunir os membros, devido à revolução de 5 de Outubro, que implantou a República em Portugal, não houve culto.»

Em 1911 dava-se já o nome de Missão Portuguesa à obra adventista em Portugal. É que, assentes que foram os alicerces desta Escola Sabatina, em Lisboa, a sua influência devia começar a estender-se a outras terras do País.

Em 1913 realizaram-se na cidade do Porto os primeiros baptismos como resultado da Escola Sabatina que pouco tempo antes ali havia sido organizada.

No princípio do ano de 1920 visitava, pela primeira vez, a cidade de Portalegre, o pastor Paul Meyer, então director da Missão Portuguesa.

Tendo sido bem recebido, pela igreja evangélica, nessa sua primeira visita a Portalegre, e como numa das dependências dessa Igreja estivessem morando por caridade duas irmãs adventistas de Lisboa, não foi difícil ali mesmo organizar a primeira Escola Sabatina composta de nove membros.

Em Outubro desse mesmo ano realizava-se ali a primeira cerimónia de baptismos. Entre as pessoas de que se compunha o grupo, contava o pastor M. Lourinho e alguns membros da Igreja evangélica.

Por volta do ano de 1921 organizava-se na cidade de Tomar a primeira Escola Sabatina, composta de seis membros, incluindo a família do obreiro F. Simões.

Em 1924 a Escola Sabatina em Portugal contava para cima de cem membros.

No decurso das duas décadas que se seguiram, organizaram-se nos seguintes lugares: Coimbra, Barreiro, Vila Real de Santo António e Setúbal.

Entre estes modestos inícios da Escola Sabatina nas diversas cidades e vilas de Portugal, o que se refere ao Barreiro, vila situada na margem esquerda do Tejo, é o que se nos afigura mais digno de registo.

Uma irmã bastante humilde e surda



Pastores Rentfro e Meyer com alguns dos primeiros membros da Escola Sabatina do Porto

percorria as ruas da vila vendendo cal sobre o dorso de um burro. Ao mesmo tempo que oferecia esse produto destinado à limpeza das casas, oferecia também aos seus clientes um outro produto destinado a limpar a sujidade dos corações. Com tal convicção falava do poder do evangelho e com tanto fervor orava pelos que lhe queriam prestar atenção, que muitos foram tocados e resolveram reunir-se para ouvir mais acerca do evangelho. Como resultado do seu trabalho uma Escola Sabatina foi organizada. Os cinco primeiros batismos realizados nesta vila, foram o produto do testemunho abnegado da boa irmã Rosa Grelhe.

Em 1940 este departamento contava trinta e seis escolas organizadas com quatrocentos e trinta e oito membros inscritos.

Ilhas e Colónias

Não devia ser só no continente que a bandeira do evangelho devia ser desfraldada por intermédio do maravilhoso departamento da Escola Sabatina. As suas lições haviam ensinado alguém a procurar no livro do profeta Isaías as afirmações de que «as ilhas aguardarão a sua doutrina». Sob essa inspiração e irresistível vontade, partiu dos Estados Unidos para a ilha da Madeira, cerca do ano de 1930, o colportor Joaquim G. da Silva, madeirense, naturalizado americano, e aí deu o conhecimento da Verdade a algumas almas.

O interesse foi despertado e cerca de um ano depois a primeira Escola Sabatina com dez membros organizava-se na ilha, sob a direcção do obreiro E. P. Mansell.

Sob o mesmo impulso que anima toda a alma convertida, e mais ou menos na mesma altura em que a ilha da Madeira começava a receber o conhecimento da Verdade, outro irmão, António Gomes, vindo da Califórnia, trazia a Cabo Verde, sua ilha natal, o conhecimento da mensagem do advento.

Foi a sua família, na ilha Brava, a quem ministrou os primeiros rudimentos da Verdade.

Em 1935, quando já ali existia um grupo de interessados, foi para ali enviado o casal missionário A. F. Raposo.

No primeiro sábado que o pastor Raposo passou nesta ilha, foi organizada uma Escola Sabatina com uma frequência superior a cinquenta membros.

Semanas mais tarde fizeram-se os primeiros quinze batismos.

Seguiu-se, por ordem de data, o estabelecimento da Escola Sabatina no arquipélago dos Açores, com início na ilha de S. Miguel.

Um colportor enviado do continente, no ano de 1935, encontrou em certa localidade, perto de Ponta Delgada, um amigo que havia conhecido a mensagem adventista na América do Norte. Em sua casa uma senhora e filhos tiveram conhecimento da Verdade.



«Antigos membros da Escola Sabatina de Lisboa, com o Pastor Paulo Meyers»

Como o grupo de interessados aumentasse, o nosso colportor organizou em sua própria casa uma Escola Sabatina.

Cerca de um ano depois, o pastor Mansell veio estabelecer-se nesta ilha.

A pequena Escola Sabatina passava a contar já cerca de quinze alunos, dos quais, pouco depois, eram batizados sete.

Em 1951, no fim do terceiro trimestre, contam-se em número de sete as Escolas Sábatinas neste arquipélago com cento e quarenta e nove membros inscritos.

Mais recente, mas com resultados não menos animadores, é a história da Escola Sabatina da colônia portuguesa de S. Tomé.

Talvez por ser mais recente a sua história seja mais fácil de discernir.

A primeira Escola Sabatina de S. Tomé, foi realizada no dia 5 de Março de 1938, às duas horas da tarde, com a assistência de vinte e sete pessoas.

Estudou-se neste sábado a lição «Saúde e temperança cristã». Esta Escola foi inaugurada por um colportor que então ali se encontrava e que, mais tarde, voltou para lá como missionário.

Com um princípio modesto, a Escola Sabatina de S. Tomé começou a desenvolver-se gradualmente. Três anos mais tarde, em 1941, fundava-se a primeira Escola Sabatina anexa na Vila da Trindade, no seio de uma família cujo chefe, irmão Aníbal de Castro, é hoje catequista nessa vila, onde dirige um bom número de crentes, incluindo vinte e cinco membros da Escola Sabatina.

No ano de 1946 mais duas Escolas Sábatinas foram iniciadas: uma na vila de Santana no dia 5 de Janeiro, com uma assistência de vinte e cinco pessoas. Actualmente esta Escola Sabatina conta dezanove membros e tem agora uma pequena aula anexa numa roça isolada com seis membros.

Outra Escola Sabatina foi aberta no dia 26 de Janeiro deste mesmo ano no sítio de Bom-bom. As pessoas presentes foram em número de vinte e uma, dirigidas pelo irmão Atanásio Cupertino, nosso catequista, hoje na ilha do Príncipe. Esta Escola do Bom-bom conta agora vinte membros e tem, por sua vez, uma anexa na sítio de Caixão Grande com sete membros.

Na ilha do Príncipe foi inaugurada a Escola Sabatina em meados de 1949 e conta agora dez membros. Ainda no mesmo

ano foi iniciada uma outra Escola Sabatina na vila das Neves, onde temos presentemente nove membros. Neste momento estamos recebendo notícias de um grupo de quinze membros serviais de uma roça que acabam de realizar a sua primeira Escola Sabatina.

Resta-nos o Departamento do Lar, com quinze membros.

Ao findar este terceiro trimestre de 1951 esta conta quatrocentos e vinte e três membros divididos em vinte classes, dez na cidade, nove anexas e uma no Lar. As ofertas deste ano até o presente perfazem um total de 8.144\$60.

Depois da descrição dos pequenos inícios da Escola Sabatina em Portugal e alguns dos seus domínios, damos a seguir uma recente estatística sobre a marcha da Escola Sabatina na União Portuguesa:

Escola Sabatina	N.º de Escolas Sábatinas	N.º de Membros
Lisboa-Cascais	2	555
Setúbal	1	112
Barreiro	2	138
Porto-Avintes-Canelas ..	4	229
Coimbra	1	92
Portalegre	3	105
Niza	1	21
Ribeira de Niza	2	63
Tomar-Entroncamento ...	2	96
Vila Real e Faro	2	116
Madeira	2	132
Açores	7	143
Cabo Verde	6	252
S. Tomé	8	426
	43	2.480

Pedro B. Ribeiro

RELATÓRIO DA COLPORTAGEM REFERENTE AO ANO DE 1951

Janeiro	20.191\$50
Fevereiro	18.628\$00
Março	10.010\$00
Abril	14.735\$00
Maió	11.797\$00
Junho	12.925\$00
Julho	20.660\$00
Agosto	23.170\$00
Setembro	41.160\$00
Outubro	22.730\$00
Novembro	17.335\$00
Dezembro	40.197\$00
	253.538\$50

O Secretário de Publicações

Fernando Mendes

GANHAM ALMAS

as Escolas Primárias Adventistas?

(Responde a professora primária Alma E. McKibbin)

Tive durante toda a minha vida uma grande ambição de ser professora. Minha mãe dizia-me: «Nunca poderás ensinar, a não ser que aprendas a lidar com crianças. Quando ficas sòzinha com tuas irmãs, não tomas conta delas. Não és capaz nem mesmo de disciplinar um gato. Estragas todos os gatos da vizinhança».

Eu pensava que havia de tornar a tarefa de meus alunos tão interessante e amá-los tanto, que eles se comportariam naturalmente bem; mas ai! não se comportavam, e a minha primeira escola quase acabou comigo.

Na minha segunda escola, resolvi mudar de método e ser mais firme. Na segunda semana, foi designada na classe de leitura uma bela poesia, a qual devia ser estudada, e lida no dia seguinte. Lá atrás, um menino disse: «Eu cá não gosto de poesias. Não prestam para nada!» Procurei mostrar-lhe a utilidade e a beleza da poesia e tive esperança de não ter mais dificuldade com ele. Mas no dia seguinte ele recusou-se a ler. Não tinha estudado, nem queria abrir o livro na classe. Disse-lhe positivamente que tinha de ler a lição.

As meninas na classe apreciavam poesia, e pensei que, escutando-as, ele se decidiria a ler. Se acaso se recusasse ainda, eu não sabia o que fazer, mas estava deveras convencida de que devia compeli-lo a obedecer, mesmo que o tivesse de castigar.

Enquanto me achava cogitando o que devia fazer pelo menino ou com ele, ele próprio resolveu o problema. Atrás achava-se uma janela aberta. Ele ergueu-se do banco, subiu à carteira e saltou dali. Esperei que voltasse dentro em pouco, e então resolveríamos a questão.

Ele voltou dentro de uma hora, a cavalo; passou galopando junto à janela e, com um grito peculiar aos vaqueiros, desapareceu rua abaixo. Os pais saíram da pequena cidade dias depois. Ele recusava-se a ir à escola; assim, voltaram para a sua residência nas montanhas, e o rapaz, Duque, tornou-se vaqueiro. Apenas duas semanas estudara na escola adventista e agora não

mais aí voltaria. Reprovei-me amargamente por não o haver sabido conservar.

Daquele dia em diante orei, orei como nunca dantes para que Deus me ajudasse a aprender o segredo de governar crianças e de conservá-las em nossas escolas. Eu não queria afugentar dali outro rapaz. Duque nunca me saiu da memória; estava sempre em meu coração. Orava por ele, e pedia a Deus que me perdoasse e fosse meu galardão, indo após mim, a desfazer-me os erros.

Passaram-se dez anos. Então meu cunhado, que estava trabalhando na construção de uma estrada, chegou a casa uma tarde, dizendo haver trabalhado naquele dia com um homem por nome Duque, que me conhecia, e que dissera ter errado em sair da escola. Ele dissera: «Como vai a saúde da senhora McKibbin? Espero que ela esteja passando bem. Ainda ensina?» Que alívio! Que peso me saiu do coração! Ele tinha bons sentimentos para comigo, e agora desejava ter lido outrora aquela poesia.

Cinco anos mais tarde ouvi que ele e a esposa se haviam convertido, tendo-se batizado. Quinze anos são algum tempo para se esperar pelos frutos! Mas valeu a pena. Não era aquilo uma grande recompensa por quinze anos de trabalho — duas semanas e um erro? Ele lembrava-se das lições de Bíblia que aprendera durante aquelas duas semanas, e era capaz de repetir cada uma. Disse: «Temos culto em nossa casa, agora». Caiu o grande fardo. Ele era um homem convertido, e tinha estabelecido o culto na família. Lia os Salmos. Gostava de os ler, e foi sua maneira de me dizer que agora lia e apreciava a poesia.

Não sou uma mulher destituída de filhos. Tenho muitos. Quereis saber quantos? Tenho o nome de toda a criança ou jovem que já ensinei nesse livro, que chamo meu «Livro de Lembranças». Está por demais gasto pelo uso. Há 1.300 nomes nesse livro — sim, tenho 1.300 filhos. São todos meus, meus agora e para sempre.

Uma pequena incrédula

Há, entre esses nomes, um que, ao contemplar, me enche de estranhas recordações. Ela tinha apenas doze anos e, todavia, era incrédula. Estava decidida a não crer em Deus, a não ser cristã, e, também, a entrar qualquer outra criança daquela escola que quisesse sê-lo. Nunca vi uma criança como aquela menina. Era bonita, dotada de talentos — cantava como um canário. Dirigia o canto na escola. (Eu não canto. Era uma das minhas grandes desvantagens como professora, mas o povo da localidade dizia que nunca tinha ouvido tão bons cantos entre crianças de escola, como na minha).

Loti dirigia o canto naquela escola de cinquenta alunos. Cantava o tempo todo — pois precisava cantar. Só usávamos cantos religiosos, e estes pareciam a única influência que sobre ela exercíamos.

Ela tornou-me a vida infeliz por três anos. Sua influência era prejudicial em todos os sentidos. Dirigi-me ao director da escola com estas palavras dos Testemunhos: «Entre os que frequentam a escola haverá alguns que nada mais são do que agentes de Satanás. Não têm respeito pelos regulamentos escolares, e desmoralizam todos quantos se associam com eles. Depois de os professores haverem feito tudo quanto lhes seja possível para reformar esta classe, depois de haverem mediante esforço pessoal, por súplicas e orações, tentado todos os esforços por alcançá-los, recusando eles todos os esforços feitos em seu favor, prosseguindo em sua direcção de pecado, então é necessário separá-los da escola, a fim de os outros não serem contaminados por sua má influência.» *Testimonies*, vol. IV, pág. 422.

Ele olhou-me directamente nos olhos, e disse: «A senhora quer dizer que uma menina de dez anos tem mais influência nesta escola do que a senhora?» Foi tudo quanto disse. Voltei ao meu trabalho, e eis o que eu disse ao Senhor: «Querido Senhor, o poder daquela menina é maior do que tudo em mim, mas Tu és maior do que aquele que nela actua. Dá-me poder para ajudar as outras crianças. Salva-as da sua influência e salva-a, a ela, se possível.»

Pouco depois disto, houve um culto de reavivamento na nossa escola, e uma maravilhosa obra foi feita pelas crianças. Todas corresponderam, com excepção de Loti. Estava em seu lugar, pálida e rígida, en-

couraçando-se contra todo o bom impulso e influência. Vinte crianças foram baptizadas. Então Loti pôs-se a trabalhar para desfazer tudo. Ela trabalhou com cautela, mas vi-lhe os efeitos. Alguns foram influenciados por ela e desistiram de se esforçar por ser cristãos. Isto partiu-me o coração. Fui levada daquela escola para um sanatório, onde tive de jazer por muitos meses. Levei, porém, a minha lista de oração, e o nome de Loti ali estava, em seguida ao de Duque.

O seguinte professor de Loti saiu-se melhor. Era bom cantor, dotado de certo magnetismo. Persuadiu-a a pedir-me desculpa, pois ela lhe fizera saber quanto eu lhe era desagradável.

Ela disse, muito dura: «Vim para pedir desculpa. A senhora perdoa-me?»

Eu disse: «Há muito eu lhe perdoei. Acredito naquelas palavras — 'Não deixar que o sol se ponha sem que tudo esteja perdoado.'»

— «A senhora não me quer mal?»

— «Não, eu gosto de si. A menina é uma de minhas filhas, e uma mãe nunca rejeita um filho. Ela acompanha-o até à prisão, para o ajudar. Assim faria eu.»

Loti levantou-se para se ir embora. Da porta, voltou-se e disse: «A senhora tem uma lista de pessoas por quem orar, não? Se o meu nome está nessa lista, quer ter a bondade de o tirar?»

— «Loti, se há qualquer outra coisa que eu possa fazer em seu favor, fá-lo-ei com prazer; mas isto, não posso fazer.»

Ela saiu sem dizer mais nada.

Mais tarde casou-se com um distinto jovem, e tornou-lhe a existência tão desditosa como fizera a minha. Depois de algum tempo, entretanto, por qualquer motivo, ela começou a ir à igreja. Tornou-se muito religiosa, mas o coração não mudou. Afinal, o esposo abandonou-a. Não concordo com o divórcio, mas creio que esse homem estava justificado da sua acção. Algumas pessoas falam levianamente de situações tão infelizes, mas eu não posso de maneira alguma gracejar acerca de um lar despedaçado.

Convertida, afinal

Eu continuava a orar por Loti. Sua mãe morrera, e a saúde de Loti estava arruinada. Uma amiga escreveu-me: «Fui visitar a Loti. Ela está muito doente. Talvez não viva. Tem o coração quebrantado. Ela

disse-me: 'Quer ter a bondade de escrever à senhora McKibbin, e dizer-lhe que, afinal, eu me converti? Quase a matei, anos atrás.'»

«Sim, a senhora encurtou-lhe a vida», disse a minha amiga.

Loti continuou: «Pergunte-lhe se ela crê que Deus me pode perdoar.» Quando o arrependimento é tão sincero e profundo como o seu, Deus perdoa inteiramente.

Voltei, dois anos atrás, àquela igreja. Vi uma senhora coxa, descendo a rua, apoiada em uma senhora mais nova. Esta tinha os cabelos grisalhos, as faces pálidas, perdida a beleza, mas era bondosa e simpática a sua expressão. Aquela senhora era Loti. Ela, que outrora parecia viver apenas para fazer mal aos outros, ajudava agora uma velha senhora a ir à igreja.

Uma mulher que estava sentada ao meu lado, disse-me: «Loti tem o melhor coração desta igreja.» Quem desejaria uma alegria maior do que a minha?

Naquele dia, na Escola Sabatina, ela cantou um solo. Estava mais velha agora, mas o hino ergueu-se claro, pujante, acompanhado de uma nova significação. Creio que, quando o Senhor receber Suas jóias, Loti estará entre elas.

Deus disse: «A palavra que sair de Minha boca... não voltará para Mim vazia, antes fará o que Me apraz.»

Sim, «ceifaremos, se não houvermos desfalecido.»

Naquele último ano de trabalho na Escola Primária, a minha saúde estava muito combalida e era árduo o trabalho. Havia em casa dois inválidos a cuidar, um irmão mais novo a olhar e cada noite lições a preparar. Certo dia, enquanto eu caminhava para casa, cerca de dois quilômetros

na chuva e na lama, pensava comigo se na verdade poderia retornar à escola algum dia.

Naquela noite tive um sonho que me foi de grande animação. Alguns de meus amigos sorriem a isso, mas meus sonhos me ajudam por vezes, quando o caminho parece por demais penoso.

Parecia-me ser o dia de juízo. Eu via o Juiz no trono, e ao lado d'Ele o Mestre dos mestres, e uma grande glória em tudo ao Seu redor. Em minhas húmidas vestes terrenas eu achava-me sôzinha, sentada sobre uma pedra, lá longe, nas sombras. Depois, apareciam as crianças da minha escola. Achavam-se em três grupos. Primeiro chegaram as crianças com seus pais. O Mestre proferiu palavras de louvor, e sorriu. Dirigia-se a elas, mas olhava para mim, distante, na sombra, e senti-me aquecida e confortada — ninguém mais parecia saber que eu estava ali.

No grupo seguinte, os pais achavam-se sós e compreendi que os filhos se tinham perdido. Isto não pude suportar. Ali sentada, a cabeça pendida, em desgosto, ouvi falar o Mestre. Pediu-me que me aproximasse do trono. Assim fazendo, as minhas pesadas vestes caíram. Achei-me trajada de etéreas vestes luminosas, e desaparecera toda a minha fadiga.

No terceiro grupo, encontravam-se as crianças cujos pais não se haviam salvo. Tão bondosas palavras me dirigiu o Mestre ao entregar-me todas essas crianças, que esqueci todas as minhas provações e lembrei-me apenas da alegria de servir Seus pequeninos.

É apenas um sonho, mas ele ajudou-me. Tenho esperança que também vos seja de auxílio a vós.

DEPARTAMENTO DOS M. V.

Curso de Leitura para Jovens

A Comissão respectiva propôs os seguintes livros para o Curso de Leitura de 1952:

O Caminho para Deus e como encontrá-lo, por D. L. Moody, 154 páginas. É uma das obras-primas da literatura cristã uni-

versal, escrita por um dos maiores oradores que a humanidade conheceu.

Ajuda-te a Ti Mesmo, por O. S. Marden, 286 páginas. Um livro de educação da vontade, que todo o jovem devia ler.

Harmonias da Natureza, por A. J. Girou, 182 páginas. Através do estudo ameno das maravilhas da natureza e do cumpri-

mento das profecias bíblicas, a mente é levada neste livro a uma compreensão melhor do Criador.

Preço das obras avulso:

«O Caminho para Deus»	5\$50
«Ajuda-te a Ti Mesmo»	18\$00
«Harmonias da Natureza», ...	6\$00
	29\$50

Preço especial para o Curso de Leitura:

As três obras 20\$00

Os pedidos devem ser feitos ao Departamento dos M. V., através das Direcções das Sociedades locais.

Devoção Matinal

Cerca de novecentos livrinhos da Devoção Matinal foram encomendados até ao presente. Restam, pois, apenas uns cem dos mil que publicámos este ano. Se ainda algum jovem se não muniu deste indispensável auxiliar da Vigília Matutina e do Ano Bíblico, não perca a oportunidade de o fazer.

Preço: 2\$00.

Bilhetes de Identidade das Classes Progressivas

Até ao presente recebemos para cima de cem pedidos. Há, porém, muitos jovens que ainda os não possuem. Visto tratar-se de material indispensável para as Classes Progressivas, recomendamos calorosamente a sua aquisição.

Fazemos planos para que todas as Sociedades tenham este ano pelo menos um serviço de investidura.

«Jeunesse»

Continua a ser publicada mensalmente esta esplêndida revista para os jovens. Pelas diversas igrejas há jovens que lêem francês, ou que desejam praticar essa língua, e que muito lucrariam se assinassem *Jeunesse*. O Departamento dos M. V. da União está à disposição de todos os que desejem ser assinantes.

Semana dos M. V.

Direcções das Sociedades de M. V., não vos esqueçais este ano da Semana da Juventude, de 8 a 15 de Março. Façamos dela uma oportunidade de trazer para mais perto de nós todos os nossos jovens e de nos aproximarmos todos mais de Deus.

O Secretário do Departamento dos M. V.
da União

NOTÍCIAS DO CAMPO

Pastor Manuel Lourinho — Desde Novembro, encontrava-se entre nós o Pastor Manuel Lourinho, director da União Angolana, que veio assistir ao Conselho de Inverno, da Divisão Sul-Europeia, reunido em Berna, em Dezembro passado. Em 8 de Janeiro embarcou no «Quanza», de regresso a Angola, onde lhe desejamos abundantes bênçãos.

Irene Gerber — Depois de ter passado em Lisboa alguns meses, a fim de se aperfeiçoar na língua portuguesa, a Ir. Irene Gerber embarcou, no dia 15 de Janeiro, para Angola, em cujo Hospital do Bongo vai exercer a enfermagem.

Oxalá disfrute no seu novo campo de actividade uma saúde normal e plena satisfação no trabalho.

UNIÃO PORTUGUESA

Porto

Visitas queridas — Em serviço departamental da Escola Sabatina da Divisão, do qual é secre-

tário, esteve connosco no passado dia 12 de Janeiro, o nosso prezado Irmão Pastor A. Dias Gomes.

Tivemos o privilégio de, no Culto da manhã desse Santo Dia do Senhor, o ouvir na exposição da Palavra de Deus, bem assim como em algumas das suas muitas experiências adquiridas durante a sua longa prática no ministério de Cristo.

Também na reunião da nossa juventude, realizada na tarde desse mesmo dia, tomou uma boa parte no seu programa, animando com o seu entusiasmo bem característico, tanto os jovens como os seus amigos presentes, que por completo enchiam a sala, a trabalhar sempre mais e melhor em favor da Causa do Mestre.

Esforço de Evangelização — No passado dia 20 de Janeiro, pelas 21 horas, com continuação nos Domingos seguintes, à mesma hora, foi iniciado nesta cidade, no nosso magnífico templo, um

intenso trabalho evangelístico, por uma série de conferências públicas, pelo nosso prezado Irmão Pastor e Director E. Ferreira, que para esse efeito se tem deslocado de Lisboa todas as semanas. Tanto pelos temas sugestivos como pela clareza da exposição tem atraído de tal maneira a atenção que o nosso templo tem sido quase pequeno para conter as pessoas interessadas que a ele têm vindo.

Em colaboração do mesmo esforço, o nosso prezado Irmão Pastor J. J. Pires, nos cultos das quintas-feiras tem apresentado também para assunto das suas pregações temas muito atraentes como sejam: as profecias e suas interpretações, ilustradas com projecções luminosas, que por esse motivo têm chamado a essas reuniões muitas pessoas que, interessadas, seguem com muita atenção o seu desenvolvimento.

Também a nossa juventude estimulada pela sua dinâmica directora, nossa prezada Irmã Maria A. Pires, tem tomado uma parte muito activa nesta santa campanha, ora na dissiminação de folhetos, ora por visitas e convites pessoais, ou ainda pelo atractivo das suas reuniões de sábados e terças-feiras, cujos programas elaborados com maestria, tanto os de carácter cultural como os sociais, têm chamado de tal maneira a atenção, que tem havido grande dificuldade em acomodar todas as pessoas interessadas.

Que o nosso Bom Deus abençoe este trabalho, assim como as almas que nele tomam parte. Que Deus derrame com abundância o Seu Santo Espírito sobre as almas que sinceramente O buscam, para que, no fim deste esforço, venham muitas delas aumentar as fileiras do Seu Exército.

Não quereis vós, queridos Irmãos, orar connosco ao Senhor neste sentido?

O Secretário, *Augusto Alves*

Escola Sabatina — A nossa Congregação do Porto é humilde com as suas parcas dezenas de membros, a maioria dos quais senhoras, auferindo salários infra-modestos.

Ainda há poucos anos a sua Escola Sabatina compreendia membros de Canelas e Avintés, hoje organizados em escolas independentes, com 45 e 35 membros.

Na nossa recente visita a esta activa escola pudemos respigar do seu respeitável e bem escrito livro de Actas os seguintes números eloquentes:

1950 — *Acta de 7 de Janeiro*

76 membros; 27 membros do Dep. do Lar; 83 presenças; 100\$00 de colecta; 31\$00 de colecta do Dep. do Lar.

1951 — *Acta de 6 de Janeiro:*

89 membros; 25 membros do Dep. do Lar; 80 presenças; 113\$40 de colecta; 20\$00 de colecta do Dep. do Lar.

1952, *Acta de 5 de Janeiro:*

104 membros; 38 membros do Dep. do Lar; 105 presenças; 200\$00 de colecta; 25\$00 de colecta do Dep. do Lar.

Em 1950, esta Escola contribuiu com 9.244\$00 de ofertas e em 1951 com 12.375\$00 (mais de quarenta por cento sobre o ano anterior).

O seu actual director, o Irmão José Monteiro, empregado bancário e antigo aluno do Curso Bíblico de Lisboa, está unido o seu entusiasmo ao dos seus três jovens colaboradores, um exemplo típico do valor da Juventude no nosso meio. Ouvimo-lo fazer um vibrante apelo em favor dos Dons Natalícios. Uma jovem Irmã, Berta Maria, enviou do Rio de Janeiro 22\$00 para esse fundo da Escola Sabatina, o que bem indica quão enraizado está no ânimo dos portuenses adventistas esta particularidade da Escola Sabatina.

A secção infantil, no dia da nossa visita, funcionava com 22 meninos e meninas, de entre os quais 6 tinham vindo a pé de Oliveira do Douro (6 quilómetros), 2 do Rio Tinto (10 quilómetros), 3 de Vila Nova (3 quilómetros) e 1 de Valbom (6 quilómetros).

A findar a nossa escola sentíamos-nos reconfortados na certeza de futuras vitórias. Deus vai abençoar os nossos colegas da Escola Sabatina do Porto, justamente pelo seu espírito de sacrificio e boa vontade.

A. Dias Gomes

Nisa

Como era nosso plano, realizámos ontem, 12 do corrente (Janeiro), a primeira reunião em Monte Claro, aldeia que dista seis quilómetros da Vila de Nisa.

O tempo estava chuvoso e, como tivéssemos que transportar uma bateria, alugámos um carro. Às 19 horas partimos: eu, o Ir. Joaquim Tremoço, o Ir. José Serralha, o Ir. João Barra e o amigo e futuro Ir. Francisco Pinto, natural do Arneiro, que teve a gentileza de se deslocar connosco dali (17 quilómetros de distância), com o seu acordeão, para colaborar connosco.

A sala encheu-se, a escada que dá acesso à mesma ficou impedida e, fora, na rua, grande número de curiosos tentavam, em vão, entrar.

Preparávamo-nos para iniciar a nossa reunião, entoando o hino 139, que o amigo Francisco Pinto acompanhou habilmente no seu acordeão, quando ouvimos a voz grave do regedor da aldeia, que apelando para a sua qualidade de autoridade suprema no local, intimava que todos tirassem os seus chapéus e mantivessem o máximo silêncio. Em termos amáveis agradecemos a gentileza do senhor regedor e entrámos no nosso programa.

Primeiramente, apresentámos as Escrituras como devendo ser a nossa única regra de fé e como sendo um meio pelo qual Deus Se comunica com as Suas criaturas. Citámos os testemunhos de alguns teólogos, tais como S. Jerónimo, Santo Agostinho, etc., que nos indicaram as Escrituras como única e infalível regra em matéria de religião. E em vista da necessidade que se impõe a cada qual de conhecer plenamente o carácter, a obra e as doutrinas de Jesus, nosso Salvador, acentuámos as palavras de S. Jerónimo quando afirmou que «ignorar as Escrituras, é ignorar Jesus Cristo», etc.

Terminada a primeira parte do nosso programa, o amigo Francisco Pinto executou ainda no seu acordeão o hino 182, seguindo-se a apresentação do filme: «As Maravilhas do Século XX», que muito agradou.

Ao abandonarem a sala, alguém postado no topo da escada conseguiu contar 415 almas, escapando à contagem as que não conseguiram penetrar na sala e que calculámos perfazer um total de 500 almas, aproximadamente.

As impressões da nossa primeira reunião em Monte Claro não poderiam ser melhores. Estamos gratos a Deus por tão bela oportunidade e imploramos-Lhe, tão somente, que nos guie neste belo trabalho e faça com que uma farta colheita de almas para o Seu Reino possa ali ser feita.

R. Meneses

MISSÃO DE MOÇAMBIQUE

Mungulúni

É com prazer que escrevo algumas notícias para a «Revista Adventista», notícias da Província de Moçambique.

A obra vai avante. Temos esperanças de dobrar o número de membros até ao fim do ano de 1953.

Saí da Missão numa viagem de três semanas visitando os irmãos e interessados em todo o Moçambique, menos na fronteira com Niassalândia, no ocidente. O primeiro local visitado foi Mocuba, a oitenta quilómetros da Missão, onde realizámos a Santa Ceia com uns oito irmãos, antes de seguir para Quelimane, no comboio, que levou oito horas, com uma chuva tal que chegou a entrar na carruagem em várias partes. Foi em Quelimane onde Vasco da Gama passou algum tempo no caminho para a Índia. Deste lugar segui no avião para Lourenço Marques, sem fazer escala, em três horas. Nesta capital temos três membros baptizados incluindo o nosso irmão colporteur Carrilho e com quem tivemos comunhão. Aqui temos uma irmã de 91 anos e sua filha, ambas firmes há trinta anos sem ver um adventista. Mas tão zelosas que a família agora está quase toda a

preparar-se para o baptismo — umas seis pessoas.

Da capital fui no avião até à Beira, onde temos dois adventistas africanos, um casal zeloso que tem juntado quarenta e duas pessoas na Escola Sabatina.

Da Beira segui para Lumbo, em frente da ilha de Moçambique, onde há uma fortaleza antiga e capela no lugar onde S. Francisco Xavier pisou a terra no caminho para a Índia.

Não temos adventistas nesta ilha, mas temos interesse depois de conversar com várias pessoas que vão começar a ler «O Atalaia».

Na direcção ocidental tomámos o comboio até Nampula, onde me encontrei com os nossos prezados irmãos Major e Senhora Inocentes e passei umas seis horas muito agradáveis. Estão levantando a luz da mensagem nesta cidade católica, onde não existem protestantes.

Daqui segui até Ribané, onde nos encontrámos com um casal interessado de Lourenço Marques, sendo a esposa filha da nossa irmã Lamarque, da capital. Vendi uma Bíblia e tive estudos bíblicos entre vinte e cinco a trinta pessoas nesta aldeia.

A viagem deste lugar foi até Mocuba, uns trezentos e cinquenta quilómetros por estradas cheias de buracos e água das chuvas, que estavam caindo quase a cada hora.

O futuro da obra nesta Província é bom. Estamos, com o auxílio do nosso irmão prof. Samuel J. Graça, preparando catequistas que se podem tornar obreiros e temos esperança de ver grande resultado no próximo futuro.

Orai por nós.

E. P. Mansell

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mansell, E. Miranda
e M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA